

## ALGUMAS NOTAS SOBRE A «TERRA SIGILLATA» EM TERRITÓRIO PORTUGUÊS

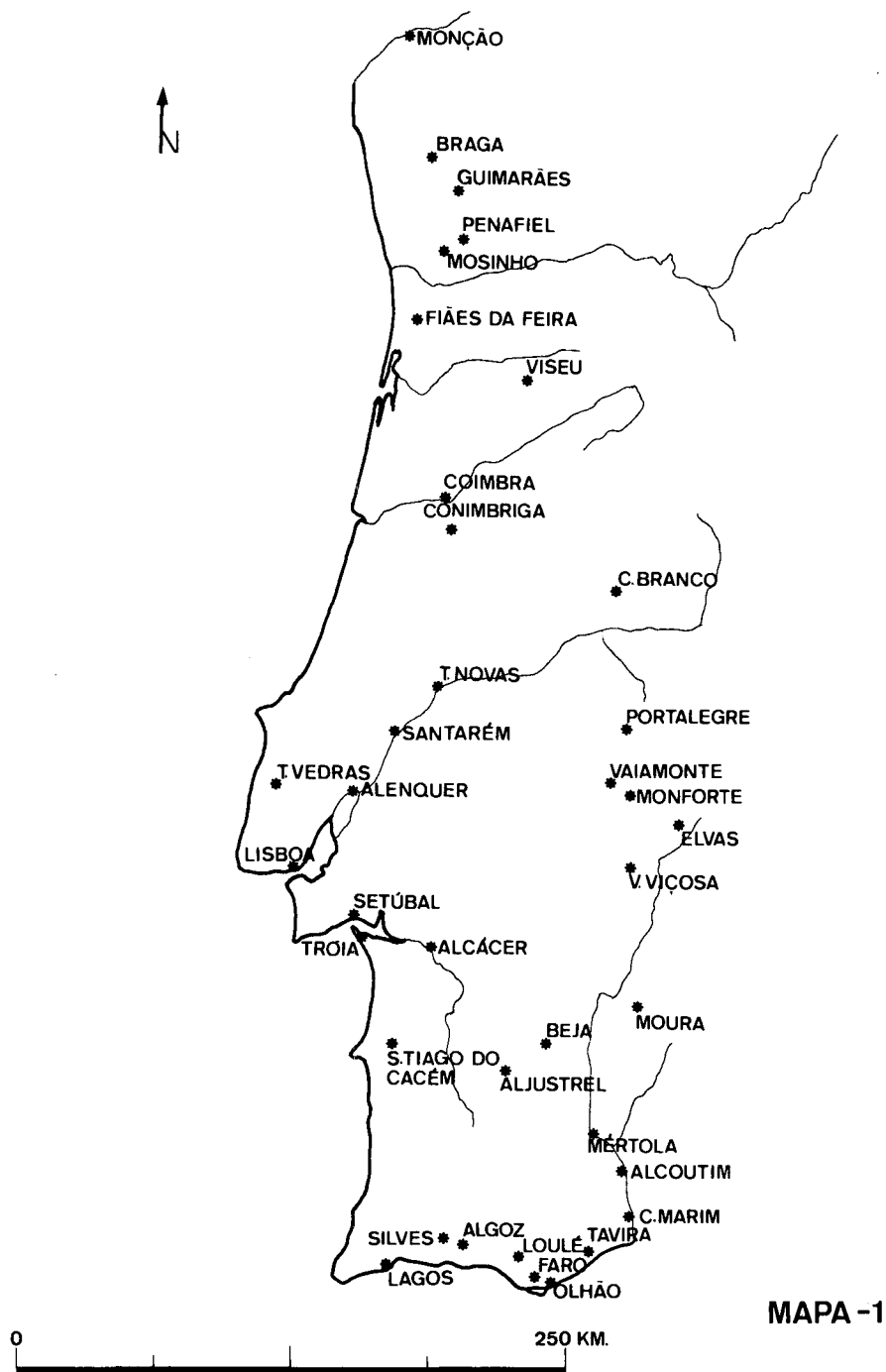
A. M. DIAS DIOGO

O presente ensaio baseia-se nos dois *corpora* que compilei sobre as marcas de oleiro em «T.S.» itálica e sudgálica encontradas em território português.<sup>1</sup> O estudo quantitativo é feito, para a itálica, sobre 166 das 180 marcas publicadas, omitidas que são as anepígrafas ou de duvidosa atribuição; na sudgálica foram trabalhadas 294 do total de 310 marcas.

A metodologia que utilizo está intimamente dependente da correcta cronologia dos oleiros e do número significativo de marcas, não apenas em quantidade mas também em dispersão. Quanto a este último aspecto, para lá dos grandes desníveis existentes nas diversas zonas do país quanto ao estado das prospecções e escavações arqueológicas, o número excessivo de marcas provenientes de Conímbriga (itá. 40, sudgá. 117) e das Represas-Beja (itá. 52, sudgá. 56) pode provocar distorções, motivo porque foram escolhidas para comparação com o «padrão-geral». Conímbriga é ainda, graças ao alto nível dos trabalhos nela realizados, a «estação-padrão» que utilizo como referência.

Alcácer do Sal, a terceira estação considerada e cujo estudo me levou a formular estes modelos é, no estado actual do nosso conhecimento, o mais importante porto importador de sigillata itálica, para a época de Augusto, da costa ocidental da Península (Quadro 3), com um perfil totalmente excêntrico em relação ao normal para o país. Os gráficos apenas contemplam o material publicado até 1981, posteriormente a esta data contam-se dois trabalhos respeitantes a marcas encontradas em Alcácer (Luisa Ferre DIAS, *As marcas de Terra Sigillata...* e A. Dias DIOGO, *Mais algumas marcas itálicas...*<sup>2</sup>), o que acentua a disparidade entre esta estação e o padrão-geral.

Para além de, por exemplo, *VMBRICIVS PHILOLOGVS* nos aparecer com uma marca central (em taça GOUDINEAU 27) muito semelhante a uma marca radial registrada por OXÉ-CONFORT (2389), são de Alcácer três das quatro marcas radiais encontradas em território português. Em Alcácer, o oleiro melhor representado é *L. TETIVS SAMIA*, com produção datada de 20 a.C. a O e que aparenta atingir o seu auge em Portugal na última década do séc. I a.C.; em Conímbriga, a exemplo do restante território português, é de *ATEIVS* a oficina



MAPA -1

melhor representada e que em Portugal aparece nos últimos anos de séc. I a.C., para atingir o seu auge na segunda década do séc. I<sup>3</sup>

Finalmente, a decadência precoce de Alcácer (fins do principado de Augusto) como centro importador marítimo, fica bem expresso se compararmos a relação entre a origem do seu total de marcas conhecidas (incluindo as das duas últimas publicações) e as encontradas em Conímbriga, apenas nas escavações luso-francesas e publicadas nas *Fuilles de Conimbriga*:

	Itálicas	Sudgálicas	Hispanicas	Total de marcas
ALCÁCER	43 (74,1%)	5 (8,6%)	10 (17,3%)	58
CONÍMBRIGA	48 (20,8%)	125 (54,1%)	58 (25,1%)	231

Quanto aos oleiros, as oficinas mais bem representadas em Portugal são para a sigillata itálica: *C.N.ATEIVS* (Mapa 2) e *P. CORNELIVS* (Mapa 3). *ATEIVS* aparece através de 36 marcas, destacando-se os seus oleiros *ZOILVS* com 8 e *XANTHVS* com 7 marcas.<sup>4</sup> *P. CORNELIVS* é o oleiro itálico de mais ampla dispersão em território português, ultrapassando o rio Douro para Norte e não estando representado no estão pouco romanizado nordeste do país, onde aliás não foi ainda registada qualquer marca. De *P. CORNELIVS* foram já publicadas 30 marcas, normalmente através de algum dos seus numerosos escravos ou libertos. Das 9 marcas itálicas assinadas *CRESTVS* ou *CHRESTVS* (Mapa 3) algumas pertencerão ainda às oficinas dos dois oleiros mais representados. *RASINVS* aparece-nos com 7 marcas, sendo duas de *CELER RASINVS* —ambas de Alcácer. De *C. MEMMIVS* temos 5 marcas e 4 de *L. TETTIVS SAMIA*, sendo 3 de Alcácer e a outra, a única radial aparecida fora de Alcácer, de Manuel Galo (Mértola).

Na sigillata sudgálica os oleiros mais representados são todos de La Graufesenque: *SECVNDVS* (Mapa 4) aparece-nos com 15 marcas, *MVRRANVS* (Mapa 5) com 11, *PRIMVS* com 10, todos datados de Cláudio a Vespasiano. *L.S. SABINVS*, com datação atribuída de 45-85, tem 11 marcas. Também com cronologia de Cláudio a Vespasiano encontra-se *VITALIS*, 10 marcas, para além de ser o oleiro sudgálico que aparenta ter maior dispersão (Mapa 4) é ainda um dos poucos até agora representados em Alcácer (com *CANVS*, *CASTVS*, *LABIO* e *SILVANVS*).

Os Quadros 1 e 2 permitem-nos estabelecer frequências, baseiam-se na acumulação das marcas ao longo de toda a cronologia atribuída ao oleiro, sendo assim, é claro que não é a soma individual que tem importância mas a relação entre a soma possível das diversas balisas cronológicas. Transformando em percentagens os valores destes dois quadros, obtemos o Quadro 3 que é formado por dois gráficos distintos: tanto a sigillata itálica como a sudgálica se movem independentemente e poderiam atingir qualquer percentagem.

Da leitura dos gráficos apercebemo-nos que, para a generalidade do país, a T.S. itálica ganha importância no último decénio do Séc. I a.C., atingindo a época de maior de maior importação entre os anos 10 e 20. No início do reinado de Tibério

**MAPA -2**

\* -CN. ATEIVS

• -XANTVS

0 -ZOILVS

**MAPA -4**

\* -SECVNDVS

+ -VITALIS

**MAPA -3**

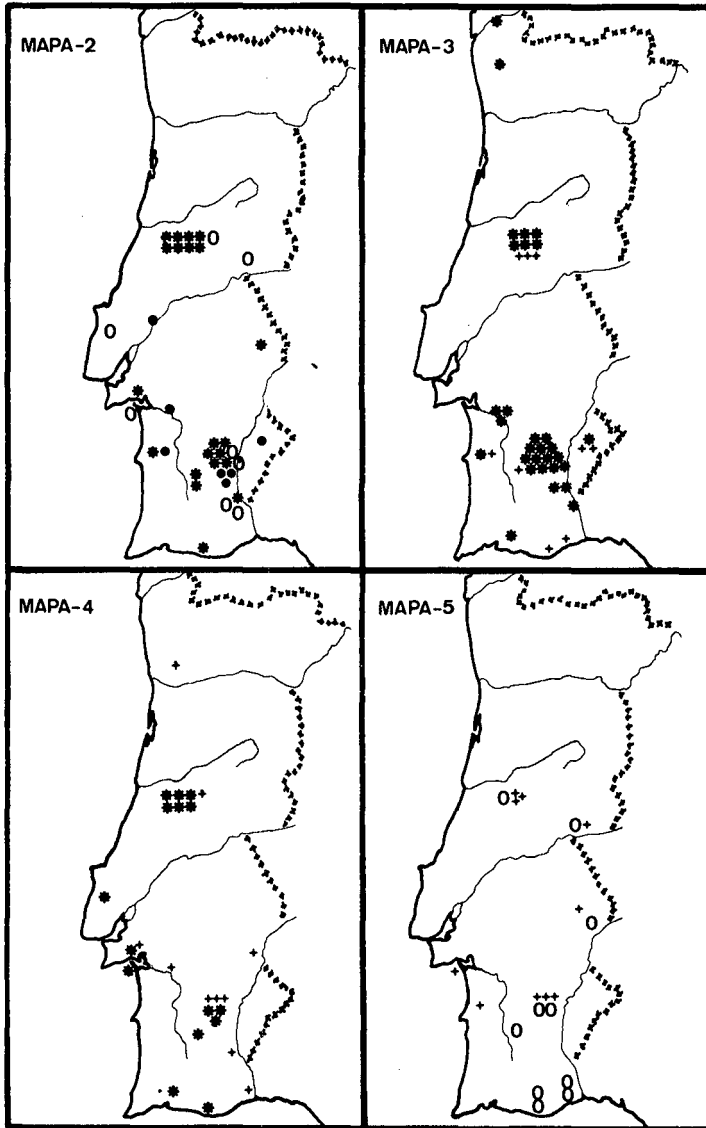
\* -CORNELIVS

+ -CRESTVS /CHRESTVS

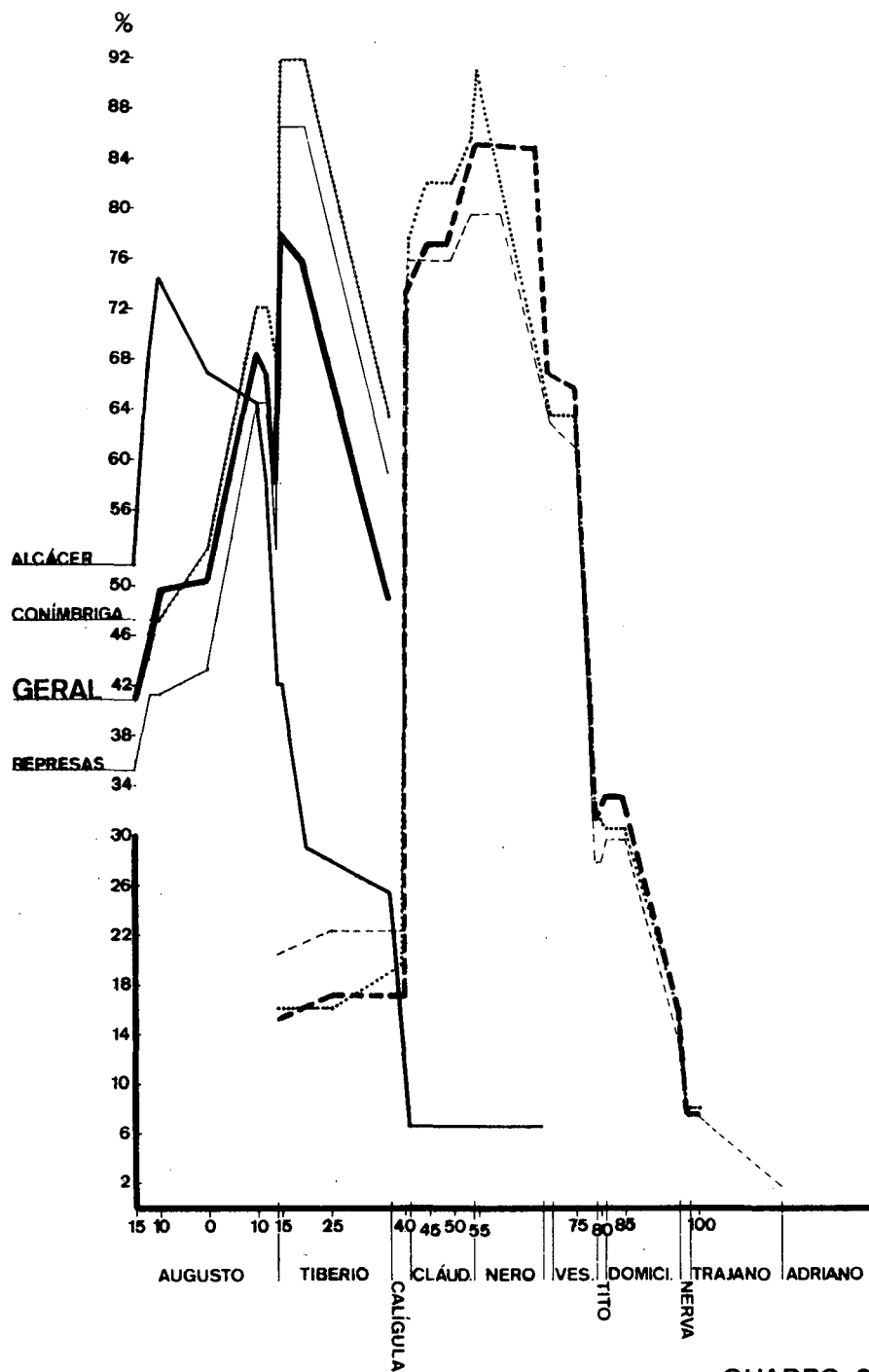
**MAPA -5**

0 -MVRRANVS

+ -PRIMVS



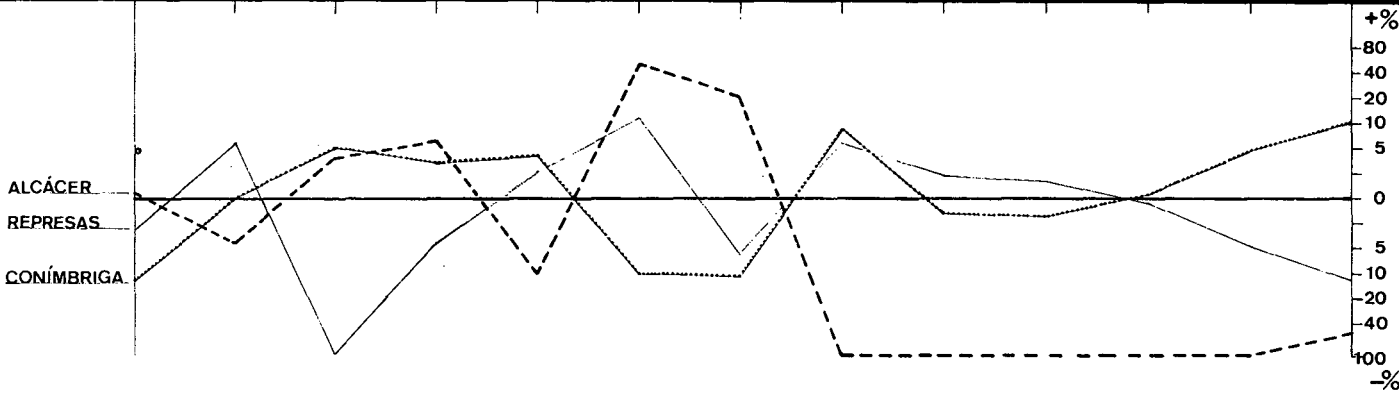




QUADRO-3

QUADRO - 4

	AREZZO		PUZZOLES		VALE DO PÓ		OUTROS		INDETERMINADAS		TOTAL		LA GRAU-FESENQUE		LA GRAUF-MONTANS		LA GRAUF-BANASSAC		MONTANS		OUTROS		INDETERMINADAS		TOTAL	
ALCÁCER	22	71%	1	3,2%	2	6,4%	4	12,9%	2	6,4%	31	91,2%	3	100%	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3	8,8%
CONÍMBRIGA	23	57,5%	3	7,5%	3	7,5%	4	10%	7	17,5%	40	25,5%	78	66,7%	18	15,4%	4	3,4%	1	0,9%	3	2,5%	13	11,1%	117	74,5%
REPRESAS	35	67,3%	7	13,5%	—	—	1	1,9%	9	16%	52	48,1%	40	71,4%	7	12,5%	4	7,1%	3	5,4%	1	1,8%	1	1,8%	56	51,9%
GERAL	122	70,5%	13	7,5%	4	2,3%	11	6,4%	23	13,3%	173	35,7%	242	77,6%	20	6,4%	15	4,8%	8	2,6%	7	2,2%	20	6,4%	312	64,3%
	ITÁLICA												SUDGÁLICA													



ALGUMAS NOTAS SOBRE A «TERRA SIGILLATA»

dá-se uma quebra da sigillata itálica, o que tem a ver com a introdução da sudgálica; como podemos ver no Quadro 3, há uma evidente relação entre a T.S. itálica e a sudgálica: Represas, a estação que maior percentagem de quebra de itálicas apresenta é também aquela que maior quantidade de sudgálica compra neste período. Em Conímbriga, a uma menor percentagem de importação de sudgálica corresponde uma menor quebra de itálica.

Os valores que o gráfico da T.S. itálica apresenta para os anos 15 - 20 poderão ser demasiado elevados e corresponder a um erro de método — a introdução das marcas em *planta pedis* não se dá por acumulação nem em substituição total das formas anteriores — mas temos que aceitar uma importação elevada para este período se tomarmos em consideração que nos aparecem em Portugal 43 marcas em *planta pedis* e que a subida de importação da sigillata sudgálica só se dá, verdadeiramente, no início de Cláudio. A sigillata itálica parece-nos assim ter abandonado os mercados do Oeste peninsular numa altura em que a sua importação ainda era relativamente elevada. Finalmente, a sigillata tardo-itálica tem uma importância mínima, apenas nos tendo aparecido duas marcas, ambas de Alcácer (*S. MVRRIVS FESTVS* e *C.P.P.*).

A sigillata sudgálica, introduzida no início do reinado de Tibério, atinge o período de maior importação entre os inícios de Cláudio e fins de Nero, tendo aparentemente os valores mais elevados por volta do ano 55. Começa a decair acentuadamente no reinado de Vespasiano, embora ainda detenha valores elevados por volta do ano 75.

Na ausência de gráficos para a sigillata hispânica, podemos esboçar o seu aparecimento e desenvolvimento se submetermos os perfis dos gráficos da sudgálica ao mesmo tipo de comparação e análise que fizemos entre estes e os da itálica. Assim, dando-se uma ligeira quebra geral de importação de sudgálica nos finais de Nero, princípios de Vespasiano, datará desta época a introdução da sigillata hispânica, ganhando maior expressão a partir de Tito. Os índices de T.S. sudgálica apontam para uma perda gradual do mercado com a consequente subida gradual de sigillata hispânica.

Para Conímbriga o comércio da sigillata hispânica parece ter sido maior na fase inicial da sua introdução, do que na generalidade do território português. Embora de um modo menos vincado Represas, outra estação do interior, tem também uma fase inicial mais forte do que o «padrão-geral»; o que parece confirmar a difusão terrestre da sigillata hispânica na sua primeira fase.

O Quadro 4 é constituído por duas partes: na primeira, a superior, apresento o número de marcas e respectivas percentagens, correspondentes a diversos centros de fabrico; a referência é feita entre as três estações consideradas e o padrão-geral. A percentagem de Arezzo, por exemplo, relaciona-se com as das restantes oficinas itálicas e a de La Graufesenque com as oficinas sudgálicas. Os totais itálico e sudgálico também se relacionam. Na mais sóbria das hipóteses, com erro por defeito, 70,5% das sigillatas itálicas encontradas em Portugal provêm de Arezzo e 77,6% da sigillata sudgálica de La Graufesenque.



No gráfico (em escala semi-logarítmica) o «padrão-geral» é transformado em constante de origem, girando à sua volta as estações consideradas, em valores relativos positivos ou negativos. Permite-nos observar a disparidade de origem das sigillatas das estações em relação ao normal para o território português.

### BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Adília M. de. «A “Terra Sigillata” itálica em Portugal» em *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. II; Coimbra 1971, pp. 421 e ss; «A propos des céramiques de Conimbriga. Sigillées italiques» *Conimbriga* XIV, Coimbra 1975, pp. 26-37; «A propos des céramiques de Conimbriga. Sigillées sud-gallicques», *Conimbriga* XIV, Coimbra 1975, pp. 38-44.
- ALARCÃO, Jorge de. *Portugal Romano*, Lisboa 1974.
- BLÁZQUEZ, José M.<sup>a</sup> *Historia Económica de la Hispania Romana*, Madrid 1978.
- DELGADO, Manuela, Françoise MAYET e Adília ALARCAO. *Fouilles de Conimbriga. IV Les Sigillées*, Paris 1975.
- DIAS, Luisa Ferrer. «As marcas de “Terra Sigillata” do castelo de Alcácer do Sal», *Setúbal Arqueológica* IV, Setúbal 1978, pp. 145-154.
- DIOGO, A. Dias. *Marcas de «Terra Sigillata» Sudgálica em Portugal*, Lisboa 1980; *Marcas de «Terra Sigillata» Itálica em Portugal*, Lisboa 1980; *Cerâmica Romana de Alcácer do Sal*, I, Lisboa 1980; «Mais algumas marcas itálicas do castelo de Alcácer» (em publicação).
- MAYET, Françoise. «Les importations de sigillées à Mérida au I<sup>er</sup> siècle de notre ère (Sigillées italiques et gaulioses)» *Conimbriga* XVII, Coimbra 1978, pp. 80-100.
- OXÉ, August e COMFORT. Howard *Corpus Vasorum Arretinorum*, Bona 1968.

### NOTAS

1. *Marcas de «Terra Sigillata» Sudgálica em Portugal e Marcas de «Terra Sigillata» Itálica em Portugal*. Essenciais para este trabalho foram *A «Terra Sigillata» itálica em Portugal*, de A. ALARCÃO e o vol. IV das *Fouilles de Conimbriga*.
2. Embora datado de 1978, o trabalho de L. FERRER DIAS apenas apareceu nos últimos meses de 1981; nele a autora publica mais 7 marcas itálicas, 2 sudgálicas e 7 hispânicas. O meu trabalho, ainda em curso de publicação, corrige algumas leituras que eu anteriormente fizera (*Cerâmica Romana...*) e acrescenta mais cinco marcas itálicas inéditas.
3. *Fouilles de Conimbriga*. IV, pág. 40.
4. A marca de Santarém (Mapa 2) encontra-se ainda inédita. Trata-se de uma marca em planta pedis, numa taça de forma indeterminável.